

A FIGURA DA MULHER EM ALGUNS POEMAS DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Maíra Tamaoki SANT'ANNA¹

RESUMO: Nosso estudo investiga as figuras do feminino na poesia de João Cabral de Melo Neto. A obra que concentra, de modo mais relevante, poemas com essa figuratividade é *Quaderna*, de 1960, os quais se denominam: “Estudos para uma bailadora andaluza”, “Paisagem pelo telefone”, “História natural”, “A mulher e a casa”, “A palavra seda”, “Rio e/ou poço”, “Imitação da água”, “Mulher vestida de gaiola” e “Jogos frutais”. Para a análise, especificamente, nos baseamos em alguns aspectos centrais da teoria semiótica greimasiana, como a enunciação, a figuratividade e o semi-simbolismo. Notamos que a crítica de João Cabral tem atribuído, relativamente, pouca ênfase à questão. Há um interessante paradoxo, que queremos investigar: como o feminino, que tem sido considerado como um tema lírico, pelo sentimentalismo com o qual é associado na poesia em geral, aparece nesta poética chamada “anti-lírica”, pelo laconismo e racionalismo imperantes. Além de se tratar de um aspecto menos evidenciado pela crítica, esta aparente incongruência justifica o interesse da pesquisa, por meio da qual procuramos apreender um modo de composição poético fundado no aprendizado com as figuras que o poeta “experimenta”, engendrando um fazer metalingüístico que se reitera, numa incessante reflexão sobre a poesia.

ABSTRACT: This research intends to analyse nine poems of *Quaderna* (1960), written by João Cabral de Melo Neto, which shows the woman's image. This study is realized through some central aspects of greimasian semiotics theory, like enunciation, figurativity and semi-symbolism. The interest is to investigate how an element considered lyrical by poetic tradition is incorporated in a “not-lyrical” poetry; adding to the fact that there are relatively few studies about it. According to João Alexandre Barbosa, the language of João Cabral poems imitates the objects in them approached, what makes us think that the figure of woman determines the poems metalinguistical drift, which differs of his most studied poems' metalinguistical creation.

1. A FIGURA DA MULHER EM QUADERNA

Nosso estudo investiga as figuras do feminino na poesia de João Cabral de Melo Neto. A obra que concentra, de modo mais relevante, poemas com essa figuratividade é *Quaderna*, de 1960, os quais se denominam: “Estudos para uma bailadora andaluza”, “Paisagem pelo telefone”, “História natural”, “A mulher e a casa”, “A palavra seda”, “Rio e/ou poço”, “Imitação da água”, “Mulher vestida de gaiola” e “Jogos frutais”.

Notamos que a crítica de João Cabral tem atribuído, relativamente, pouca ênfase à questão. Há um interessante paradoxo, que queremos investigar: como o feminino, que tem sido considerado como um tema lírico, pelo sentimentalismo com o qual é associado na poesia em geral, aparece nesta poética chamada “anti-lírica”, pelo laconismo e racionalismo imperantes. Além de se tratar de um aspecto menos evidenciado pela crítica, esta aparente incongruência justifica o interesse da pesquisa, por meio da qual procuramos apreender um modo de composição poético fundado no aprendizado com as

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras-UNESP, Campus de Araraquara.

figuras que o poeta “experimenta”, engendrando um fazer metalingüístico que se reitera, numa incessante reflexão sobre a poesia.

Para João Alexandre Barbosa (1975), crítico fundamental da poesia de João Cabral, os poemas em questão “sugerem uma leitura atenta, sobretudo no sentido de verificar-se o modo pelo qual, numa poética de constante negação do ‘lírico’, foi realizada a sua incorporação” (BARBOSA, 1975, p.158; aspas do autor). Ainda em relação aos poemas de *Quaderna*, o crítico diz: “*Quaderna* é, a meu ver, o livro em que João Cabral assume o domínio, não direi de sua linguagem, mas da linguagem da poesia: a imitação do real se faz agora amplamente porque a sua linguagem parece ter *aprendido* com os objetos uma forma de realização (leia-se *tornar real*)”. (BARBOSA, 1975, p.158; itálicos do autor).

Segundo Barbosa, *Quaderna* revela uma complexidade de construção que o como um dos textos essenciais na evolução de João Cabral, pois,

(...) como que confirmando o movimento de equilíbrio buscado pelo autor entre a composição e a comunicação, a importância deste texto decorre também da maior variedade e complexidade dos motivos explorados por João Cabral: abrindo, pela primeira vez, a sua poesia para a celebração da mulher, o modo pelo qual opera esta celebração é já um indício da referida conquista da linguagem da poesia. (BARBOSA, 1975, p. 157).

Tais considerações do crítico, dentre outras, norteiam nossa pesquisa, uma vez que analisa de modo criterioso a obra cabralina, contribuindo, sobretudo em *A imitação da forma: uma leitura de João Cabral de Melo Neto* (1975), de modo relevante para nosso trabalho, especialmente ao apontar e demonstrar a importância de *Quaderna* na obra do poeta.

Os poemas que constituem o corpus do nosso estudo são explicitamente dirigidos à segunda pessoa do discurso, o que é raro na obra cabralina, pela aparente subjetividade que infunde. O enunciador se direciona à mulher, como em “Tua sedução é menos / de mulher do que de casa: pois vem de como és por dentro / ou por detrás da fachada” (MELO NETO, 2003, p. 241), de “A mulher e a casa”. “Estudos para uma bailadora andaluza” é exceção; simulando uma enunciação mais objetiva, o eu poético se vale de uma linguagem referencial para descrever a mulher e compará-la a determinado espaço: “Ela tem na sua dança / toda a energia retesa / e todo o nervo de quando / algum cavalo se encrespa.” (MELO NETO, 2003, p. 220).

Como é possível notar nos fragmentos acima, ainda que se aproximem do lirismo, os poemas mantêm em sua linguagem o laconismo característico da poética de João Cabral, cujo traço fundamental é o rigoroso critério sintático-semântico a que submete seu fazer poético. Esta técnica-base é explicitada, de modo bastante lúcido, por João Alexandre Barbosa, quando afirma que o poeta assume a linguagem de carência, não como perda, mas conquista, ao eliminar o que há de desgaste nas palavras. Este aspecto é também identificado por Antonio Carlos Secchin, outro estudioso primordial para o nosso projeto.

Com bastante clareza, Secchin introduz sua obra *João Cabral: a poesia do menos* (1985), explicitando a que esta se propõe:

Este livro procura interpretar a poesia de João Cabral de Melo Neto a partir da hipótese de que ela se constrói sob o prisma do *menos*. Com isso, queremos dizer que os processos de formalização de seus textos são deflagrados por uma ótica de desconfiança frente ao signo lingüístico, sempre

visto como portador de um *transbordamento* de significado. Amputar do signo esse excesso é praticar o que denominamos a poesia do menos. Mas, para João Cabral, desvincular a palavra de uma tradição retórica não é suficiente: a desconfiança do poeta incide tanto na antiga ordem de significações do signo quanto na nova ordem em que ele o instala. Daí sua poesia freqüentemente confessar-se como um ponto de vista (histórico) sobre a linguagem, e não como um neutro espaço de onde as palavras emanariam resgatadas numa pureza original. (SECCHIN, 1985, p. 13; itálicos do autor).

A poética que resulta do trabalho minucioso com a palavra, uma das formas de metalinguagem, tópico ao qual mais se associa João Cabral dentro do universo da poesia, é também imprescindível para a análise dos poemas de *Quaderna*. Nesta obra o procedimento metalingüístico está fortemente presente, porém acreditamos que não da maneira como isso se dá nas obras mais estudadas do poeta.

Por ser classificada como metalingüística, a poesia cabralina costuma ser analisada a partir deste viés. Para tanto, notamos que os poemas habitualmente escolhidos para sua interpretação, de modo geral, possuem o recorte metalingüístico bastante demarcado. Entretanto, os poemas sobre o feminino de *Quaderna* também são um “ponto de vista sobre a linguagem”, nas palavras de Secchin.

O modo pelo qual a metalinguagem opera em ambos os casos é o mesmo: o enunciado qualifica detalhadamente as figuras centrais dos poemas, ao passo que a enunciação realiza o mesmo processo aplicado à linguagem da poesia. Acreditamos que o fator determinante da diferença de teor metalingüístico entre os poemas de mais freqüente análise e esses, de *Quaderna*, é a figura da mulher, que, colocamos como hipótese, difere da expressão poética que a tradição tem construído.

Portanto, a idéia do aprendizado da linguagem poética com as figuras é base para nossa pesquisa. Sendo as figuras representantes do mundo natural, é como se as palavras reproduzissem o “real”, a forma e os artifícios das figuras escaladas para cada poema. As palavras parecem ter aprendido com a figura da mulher, dominante nos poemas que estamos estudando, a se “oferecer” sensorialmente ao poeta.

A serviço da poesia, a poética de João Cabral se distingue pelo método de testar procedimentos, temas, figuras, num incessante trabalho e experimentação. Nesse sentido, ele coteja, inclusive, os temas mais caros ao lirismo, como o feminino, para mostrar que este também se presta para tratar da poesia, e não apenas do “eu”.

No nível das estruturas discursivas, as isotopias figurativas são analisadas, nesta pesquisa, de acordo com as duas abordagens de análise possíveis: a abordagem da semântica estrutural e da percepção. Assim, fazemos uma análise da densidade sêmica das figuras, que, segundo temos concluído, costuma ser elevada, e atentamos para o modo pelo qual elas convocam os sentidos para a vivência perceptiva dos poemas.

Segundo essa lógica, pensamos que a relação do poeta com as palavras é masculina. Transfigurada em mulher, a linguagem poética é um espaço de fruição, de deleite, diante do qual o poeta não se porta apenas como espectador. Ao penetrar nesse universo, sorve-o por meio de todos os sentidos e o descreve sistematicamente a partir dessa experimentação. É fato que toda a poesia cabralina se presta a falar sobre si própria e não sobre os objetos que lhe servem de figuras. Contudo, estas “ensinam/aprendem” com o poeta a linguagem da poesia, imprimindo nela as suas qualidades próprias de figura.

De acordo com o que defendemos, sua linguagem poética é marcada pela figura da mulher, porém é preciso ficar claro que essa relação se dá entre o poeta e a poesia, não

diretamente entre ele e a figura da mulher. Lauro Escorel em *A Pedra e o rio – uma interpretação da poesia de João Cabral de Melo Neto* (1973), analisa os símbolos e as imagens mais significativas da poética de João Cabral, baseando-se em alguns conceitos junguianos. No capítulo dedicado à imagem da mulher, diz que o poeta, fiel à sua poética “anti-sensual e seca”, não se entrega à sedução de Eros e focaliza a mulher com a objetividade de uma câmera cinematográfica, que fixa uma figura ou cena sem qualquer participação emocional.

Pondera que em poesia, a total objetividade é inatingível, pois esta é feita de linguagem, já permeada de elementos incoscientes e subjetivos. Entretanto, diz que o poeta chega ao máximo a que pode chegar um homem em termos de objetividade diante da figura da mulher.

O que Cabral de Melo realmente consegue evitar, fiel à sua atitude ascética, é a complacência sensual na descrição da mulher; o que ele procura conter é a livre expansão da força erótica da natureza masculina, que conduz tantos outros poetas ao sensualismo, quando não a um franco erotismo exibicionista. Não que o poeta pernambucano seja insensível à atração de Eros: a tensão de seus poemas, inspirados na mulher, acusam, ao contrário, uma forte sensualidade contida e transmutada em beleza poética. (ESCOREL, 1973, p. 84).

Como Escorel elucida, a sensualidade contida nos poemas está ligada à poesia em si, à palavra poética, pois quando o poeta fala de uma figura qualquer para falar da figura da mulher, criando o efeito de impessoalidade que o crítico destaca, se vale desta para falar da poesia. Assim, toda sensorialidade e erotismo são inerentes à poesia, que é o alvo, o ponto final em que o poeta pretende chegar. Compartilhamos com Escorel a idéia de que é nesse viés que o erótico se dá na poesia de João Cabral; e, nesse sentido, é que o consideramos para a análise dos poemas.

Para o crítico, João Cabral “produziu verdadeiras obras-primas com temática feminina, não somente pelo rigor da construção formal, como também pela originalidade e riqueza expressiva de suas metáforas” (ESCOREL, 1973, p. 85).

Ao fundir o lógico-racional e o feminino-sensorial, ou seja, ao falar dos sentidos, das sensações com distanciamento, objetividade e racionalismo, em poemas inovadores, o poeta não deixa de fazer metalinguagem. À medida que prova tão “absurda” ou estranha possibilidade está falando sobre poesia, sobre seu modo de compor poemas, quando isso não é feito de forma um pouco mais direta, como comprovamos na análise de “Paisagem pelo telefone”.

2. UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA FIGURA FEMININA NOS POEMAS

Para a pesquisa sobre o poeta, toda sua obra e *Quaderna*, especificamente, estudamos textos básicos como: *Obra completa: volume único / João Cabral de Melo Neto*, edição de 2003; *João Cabral: a poesia do menos*, de Antonio Carlos Secchin; *João Cabral de Melo Neto*, de Benedito Nunes; destacando *A imitação da forma: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*, de João Alexandre Barbosa, no qual o autor se dedica à temática do feminino em *Quaderna*; entre outros temas. Além de ensaios e artigos publicados.

Temos como fundamento, para o nosso trabalho, as teorias da imagem poética proveniente da tradição literária, principalmente explicitadas por Octavio Paz e Alfredo

Bosi, aliada a alguns aspectos da teoria semiótica greimasiana, sobretudo os mais recentes, que levam em conta não só o inteligível para a apreensão dos sentidos do texto, mas também o sensível.

Para o estudo aprofundado da imagem poética nos poemas do corpus da nossa pesquisa, fazemos uso da teoria semiótica da figuratividade. A figuratividade estudada em semiótica não se restringe à exposição das figuras de retórica, pois se dedica a um estudo mais complexo que se propõe a compreender e explicar não as figuras, mas todo o processo figurativo de um texto. Devido ao fato de todo texto literário ser figurativo, o esse estudo é importante para sua análise, especialmente no que se refere à linguagem poética.

Em semiótica, existem duas abordagens para a teoria da figuratividade. Uma delas é a semiótica, abordagem estruturalista fundamentada na semântica estrutural e elaborada por L. Hjelmslev. A outra é da teoria da percepção, ou tela do parecer, desenvolvida por A. J. Greimas. A primeira serve de base para a segunda, mais atual e complexa.

A figuratividade costumava ser vista como mera pertencente à superfície do discurso, sendo apenas um caminho para a abstração mais profunda; contudo a partir das orientações mais recentes da semiótica greimasiana, é possível compreender seu caráter profundo. Devido às atuais reflexões em torno da figuratividade, os semioticistas têm se voltado à análise das estreitas relações entre a dimensão figurativa do discurso e a atividade de percepção.

Os questionamentos fundamentais que dizem respeito a tais relações giram em torno dos laços, das estreitas ligações entre os objetos da linguagem descritos pela semântica figurativa e os objetos sensíveis que o corpo sente através de seus canais sensoriais. Para isso é de grande importância o estudo de Greimas sobre a figuratividade como “tela do parecer”, uma espécie de crença (ilusão referencial).

Desta maneira, pretendemos relacionar a forma do conteúdo, apreensível por meio da figura, com a forma da expressão, pelo semi-simbolismo. A relação entre os planos da expressão e do conteúdo constitui a semiótica, uma reformulação de L. Hjelmslev para a teoria saussuriana do signo lingüístico. A dicotomia hjelmsleviana tem o intuito de salientar o fato de que ambos os planos são estruturalmente homólogos, de modo que cada um deles se divide entre forma e substância.

A forma da expressão é fonte de estudo da fonologia, e a fonética, por outro lado, analisa a substância da expressão. Segundo Bertrand (2003), a substância do conteúdo pode ser exemplificada pelo termo “cromatismo”, em que cada língua faz um recorte de acordo com sua cultura. Assim, a forma do conteúdo é representada por cada unidade desse campo semântico: cada uma das cores.

A partir dessa metodologia, é possível delimitar precisamente o objeto de estudo da semiótica estrutural, que é base fundamental para o estudo semiótico da figuratividade: a descrição da forma do conteúdo.

Diferente da relação simbólica, em que há uma correspondência termo a termo entre o plano da expressão e o plano do conteúdo, nos sistemas semióticos não há uma conformidade entre os dois planos. O conteúdo é analisado em semas e o mesmo ocorre no plano da expressão, que se decompõe em femas, de modo que não há correspondência entre as unidades menores da expressão, nem entre as maiores do sistema. Partindo dessa afirmação de Hjelmslev, a semiótica cria o conceito de sistemas semi-simbólicos, nos quais a conformidade entre os planos da expressão e do conteúdo

não se estabelece a partir de unidades, mas pela correlação entre as categorias dos dois planos, o que constitui a base dos textos poéticos.

Segundo Fiorin, no texto de função estética, a expressão ganha relevância, pois o escritor se propõe não só dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras, de modo que não importa apenas o que se diz, mas o modo como se diz. “Como o poeta recria o conteúdo na expressão, a articulação entre os dois planos contribui para a significação global do texto. A compreensão de um texto com função estética exige que se entenda não só o conteúdo, mas também o significado dos elementos da expressão” (FIORIN, 2006, p. 78).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AFONSO, Antonio José Ferreira (1993). *João Cabral: uma teoria da luz*. Braga: Faculdade de Filosofia.
- BARBOSA, João Alexandre (1974). *A metáfora crítica*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1975). *A imitação da forma: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Duas Cidades.
- _____. (1986). “Balanço de João Cabral”, in: BARBOSA, J. A. *As ilusões da modernidade*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (2002). *Alguma crítica*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- BARTHES, Roland (1974). *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70.
- _____. (1977). *Fragments d'un discours amoureux*. Paris: Seuil.
- BERTRAND, Denis (2003). *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: Edusc.
- BOSI, Alfredo (2004). *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia da Letras.
- CAMPOS, Haroldo (2004). *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva.
- CARONE, Modesto (1968). *O espaço da percepção*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1979). *A poética do silêncio*. São Paulo: Perspectiva.
- ESCOREL, Lauro (1973). *A pedra e o rio – uma interpretação da poesia de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Duas Cidades.
- FIORIN, José Luiz (2003). “Três questões sobre a relação entre expressão e conteúdo”, in: *Revista Itinerários*, Araraquara, número especial, pp. 77-89.
- _____. (2006). *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.
- FORTUNA, Felipe (1991). “A paisagem corporal: de como se dá o erotismo na poesia de João Cabral de Melo Neto”, in: *A escola da sedução*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, pp. 62-72.
- GONÇALVES, Aguinaldo José (1989). *Transição e Permanência. Miró/João Cabral: da tela ao texto*. São Paulo: Iluminuras.
- GREIMAS, Algirdas Julien (1975a). *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix; EDUSP.
- _____. (1975b). *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes.0
- _____. (2002). *Da Imperfeição*. São Paulo: Hacker.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph (1989). *Dicionário de semiótica*. Vol. 1. Tradução de Alceu Dias Lima et alii. São Paulo: Cultrix.
- LANDOWSKI, E. (org.) (1995). *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. 1ª edição. São Paulo: EDUC.
- LIMA, Luiz Costa (1968). *Lira e antílira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LOPES, Edward (1997). *A identidade e a diferença*. São Paulo: Edusp.
- MELO NETO, João Cabral de (2003). *Obra completa: volume único – João Cabral de Melo Neto*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- MOISÉS, Massaud (1982). *Dicionário de termos literários*. 3ª edição. São Paulo: Cultrix.
- NEIVA JUNIOR, Eduardo (1986). *A imagem*. São Paulo: Ática.
- NUNES, Benedito (1971). *João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Vozes.
- PAZ, Octavio (1972). *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva.
- SECCHIN, Antonio Carlos (1985). *João Cabral: a poesia do menos*. São Paulo: Duas Cidades.
- THAMOS, Márcio (2003). “Figuratividade na poesia”, in: *Revista Itinerários*. Araraquara. número especial, pp. 91-100.
- VILLAÇA, Alcides (2001). “Expansão e limite da poesia de João Cabral”, in: BOSI, Alfredo (org.), *Leitura de Poesia*. São Paulo: Ática.